
AVA na EaD - Extensão ou Comunicação?¹

Robson de SOUSA²

Universidade Nove de Julho - Uninove, São Paulo, SP

Resumo: AVA na EaD - Extensão ou Comunicação? É uma pesquisa descritiva, documental e bibliográfica que investiga a percepção da comunicação nos ambientes virtuais de aprendizagem a partir do referencial teórico de Paulo Freire e Francisco Gutiérrez Pérez. Diante do crescimento exponencial da educação à distância nos últimos 10 anos, resultado da incorporação dessa modalidade administrativa de educação incorporada, a cada dia mais, pelas instituições de ensino superior, pesquisar o AVA na EaD é um trabalho de investigação para entender como esse espaço virtual se configura como potencial ambiente das práticas comunicativas ou extensivas.

Palavras-chave: comunicação; AVA; EaD; educação; extensão; Paulo Freire; Francisco Gutiérrez Pérez.

Abstract: AVA in EaD - Extension or Communication? Is a descriptive, documentary and bibliographic research that investigates the perception of communication in virtual learning environments from the theoretical framework of Paulo Freire and Francisco Gutiérrez Pérez. Faced with the exponential growth of distance education in the last 10 years, as a result of the incorporation of this administrative modality of education incorporated more and more by higher education institutions, researching the AVA in EaD is an investigative work to understand how this virtual space called AVA , is configured as a potential environment for communicative or extensive practices.

Keywords: communication; AVA; EaD; education; extension; Paulo Freire; Francisco Gutiérrez Pérez.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa (GP-04) – Comunicação em Educação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, PPGE- UNINOVE, da Universidade Nove de Julho, email: robsondesousa@uninove.br

AVA é o acrônimo para Ambiente Virtual de Aprendizagem, conhecido também como LMS, do inglês *Learning Management System*.

Existem vários modelos de AV e, dentre os mais utilizados estão o *Moodle*, *Teleduc*, *Aulanet*, *E-proinfo*, *Blackboard*, *Webct*, *Learning Space*, *Olat*, *Docebo*, *Dokeos*, *Ilias*, *Sakai*, *Claroline*, *Didaktos*, *Efont*, *Openelms*, *Amadeus*, *Atutor*, *Tidia-Ae* (IVO, 2015).

Aqui, é preciso ressaltar que muitas instituições de ensino superior criam modelos proprietários ou abertos de AVAs, de acordo com as finalidades educacionais para a EaD. Esta criação, geralmente, tem como ponto de partida a experimentação de modelos proprietários como *Blackboard* ou livres, de código aberto, como o *Moodle*.

O AVA se caracteriza como espaço e ponto de encontro virtual que educandos e educadores (professores ou tutores) utilizam para a construção das relações de aprendizagem. Ele também é o espaço da gestão e do chamado “controle” da aprendizagem. Ou seja, no AVA, é possível acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem do educando e da ação do educador (BASSANI, 2006, p. 8).

Este espaço virtual permite que os conteúdos do curso, das disciplinas, sejam oferecidos ao educando no modo digital e online. Ou seja, todo o conteúdo das disciplinas e aulas pode ser acessado diretamente de um dispositivo computacional informatizado e conectado à *Internet*: computadores de mesa (*desktops*), *notebooks*, *tablets* e celulares (*smartphones*) (ALMEIDA *apud* MOZAQUATRO MEDINA, 2008, p. 2).

Na educação mediada pela *Internet*, o AVA é a plataforma, programa e interface que conecta os sujeitos do ato educacional ao mundo virtual da educação. Esta conexão pode ser ao mesmo tempo, de modo síncrono, ou em tempos distintos de conexão, modo assíncrono (CORRÊA, 2007).

Portanto, aqui, o conceito de EaD é entendido como Educação *Online* ou Digital porque tem como suporte a *Internet*, diferente dos modelos anteriores de EaD que utilizavam outros suportes para atender a proposta de educação à distância (correspondência, vídeos em fitas VHS, fitas cassete, apostilas, livros, programas de vídeo, rádio, revistas, *cd-roms*, jornais, *HQ's*). E, o AVA, é a interface digital e *online* que vai permitir as conexões entre educandos e educadores.

Como ressalta Carvalho (2015, p. 21) o termo Educação à Distância articula nela mesma todos os debates históricos sobre o desenvolvimento da EaD e, portanto, não se faz necessário pensar outra nomenclatura para dar conta de explicar esta modalidade de ensino.

No entanto, aqui, a abordagem sobre a EaD, como a modalidade, está assentada e sustentada sobre a rede mundial de computadores, na *Internet*. E, a isto importa destacar, que é justamente na rede e “interfaceada” pelos ambientes virtuais de aprendizagem que a EaD deflagra fecundos debates sobre a sua complementaridade à educação presencial ou, ainda, como campo distinto da aprendizagem do século XXI (GIOLO, 2018; CARVALHO, 2015).

Reforçado o aspecto conceitual do AVA, pode-se perceber algumas características comuns que se destacam sobre o ambiente virtual de aprendizagem, destacando-se dentre eles: ambiente de gestão, ambiente de interação, ambiente de conexão, ambiente de encontro entre educandos e educadores, plataforma pedagógica de gerenciamento e controle, ambiente de integração atemporal e espacial, programa que organiza os conteúdos e indicadores dos cursos online e programa que permite o relacionamento entre os sujeitos da educação.

E, todas estas percepções sobre os AVAs são possíveis, segundo a produção científica, por conta do desenvolvimento dos suportes tecnológicos de informação e comunicação, as TICs (VIEIRA; LUCIANO, 2006). As Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, integram a evolução das soluções no campo da informática e das tecnologias de comunicação (COLL; MONEREO, 2010, p. 33).

Neste sentido, o AVA está associado diretamente à evolução das tecnologias. E, são exatamente essas tecnologias que dão suporte e base para à EaD, mediada pela rede mundial de computadores.

Se, a partir do que fora dito acima pelos autores, o Ambiente Virtual de Aprendizagem é o local, a "sala de aula virtual" e o ponto de encontro onde educandos e educadores materializam a aprendizagem, não é demasiado supor que é justamente esse local da práxis da EaD que precisa ser estudado com bastante ênfase nas pesquisas que envolvem a educação à distância no Brasil, especificamente por conta dos números da educação superior que já foram demonstrados no primeiro capítulo deste trabalho de

pesquisa e, também, por conta dos discursos tecnológicos que colocam as tecnologias, as TICs como uma espécie de solução imediata e mediata para a EaD.

Por isso, vale chamar atenção para o que muitos autores irão denominar de "tecnicismo" ou seja a corrida pelas "mais inovadoras tecnologias de informação e comunicação" para dar suporte aos cursos EaD (PRETTI, 2001, p. 32).

Essa ressalva se destaca porque as tecnologias deveriam estar a serviço dos processos educativos e da Educação e não o contrário, como também contribui Freire ao discutir uma espécie de "sobreposição" das tecnologias e o uso do computador na Educação: "... eu não sou contra o computador; o fundamental seria nós podermos programar o computador. É a questão do poder: é saber a serviço de quem ele é programado para nos programar" (2013, p.129).

Embora Freire não tenha vivido para debater o conceito e a nomenclatura das TICs na sua teoria do conhecimento, essa imagem do computador citada por ele cabe com muita precisão para a análise das tecnologias na EaD no que diz respeito ao Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Se o AVA é esse espaço virtual dos "encontros", dos relacionamentos entre os sujeitos da Educação, apenas o apelo aos baluartes tecnológicos e as tecnologias mais atuais não são suficientes para definir o resultado positivo para a EaD.

Por isso, a inquietação de Freire é uma crítica que faz coro aos pesquisadores que identificam uma espécie de messianismo às tecnologias como assépticas à criação e propósitos humanistas, ou seja, é um discurso de poder como bem explica Vieira Pinto ao se referir ao apanágio das "eras tecnológicas":

Temos de denunciar o lado secreto, maligno do endeusamento da tecnologia, aquele que visa única e exclusivamente a fortalecer ideologicamente os interesses dos criadores do saber atual, a fim de conservá-lo no papel de instrumento de domínio e espoliação econômica da maior parte da humanidade, levada a trabalhar para as camadas altas dos povos senhoriais sob a falsa e emoliente impressão de estar participando, na única forma em que lhe é possível da promoção do progresso em nosso tempo (2013, p. 44).

Essa observação radical de Vieira Pinto é importante para evidenciar a crítica ao endeuçamento das tecnologias que, por serem tecnologias, se circunscrevem para resolver todos os problemas de um determinado tempo e contexto histórico da humanidade.

O AVA, que nessa pesquisa é objeto de estudo, como ambiente de aplicações das técnicas, também pode ser pensado a partir dessa preocupação de Vieira Pinto, para dar conta de conduzir os processos pedagógicos na EaD e se distanciar desse “endeusamento” dos ambientes virtuais de aprendizagens.

Mas, por que o uso meramente instrumental das tecnologias não resolvem o problema da EaD ?

Essa pergunta pode ser pontualmente explicada pelo professor Litto:

Um outro obstáculo ao desenvolvimento de EAD no Brasil são as práticas realizadas por instituições que, de tão empenhadas na busca do Santo Graal (o crescimento cada vez maior de número de alunos ou de retorno no investimento, ou ambos), se esquecem da questão da qualidade de seu produto, ou de seus serviços. Embora sejam uma minoria no contingente de instituições, acadêmicas e corporativas, atuando no país, suas falhas não apenas enfraquecem o ensino que oferecem, mas injustamente expõem a EAD como um todo à crítica de vários setores da sociedade (2009, p. 116).

A preocupação do professor Litto ao citar as práticas das instituições de Educação Superior no Brasil, embora tenha sido contextualizada no final da primeira década do século XXI, essas práticas se concretizam no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Ou seja, a percepção de uma EaD comprometida com os instrumentos de qualidade do MEC se materializa na EaD de qualquer IES justamente no AVA e, por isso, o uso das TICs precisam se dar na práxis do pensar e repensar a importância do AVA para além de um ambiente altamente tecnológico na Educação à Distância.

Essa reflexão sobre o AVA retira dele a ideia de um ambiente de "soluções mágicas", fetiches e fragmentação que colocam as tecnologias como mediadoras da mediatização da EaD na Internet como aponta Sabattini (2011) ao investigar os fundamentos da Educação e da EaD.

Até aqui pode-se perceber a centralidade do AVA para a EaD e a importância dessa dialeticidade ao repensar possibilidades de reconfiguração para superar uma ideia já debatida sobre o peso no aporte tecnológico nas TICs.

Ainda de acordo com Sabattini, ao estudar a reconfiguração do ciberespaço educacional, se percebe que os "tradicionalismos" e "transposições" estão presentes nos projetos pedagógicos na EaD:

Da teoria à prática, o que os analistas da EaD encontram é o que denominamos "transposição" ou "tradicionalismo": mais do que abraçar o potencial de ruptura, com a dissolução de papéis, de fronteiras e das relações institucionais existentes, a efetuação dos projetos tem revelado a manutenção das práticas tradicionais (2015, p. 3).

Agora, do ponto de vista da investigação da EaD nas IES, o que se busca é a possibilidade de construir espaços de aprendizagens virtuais, AVAs, que possam superar essa prática bancária da educação presencial para a modalidade da EaD que está mediada por tecnologias.

O conceito de educação bancária ou prática bancária foi criado por Freire durante o exílio no Chile, no final dos anos 60, ao escrever o livro *Pedagogia do Oprimido*. Freire também aborda o conceito nos demais livros dele para criticar uma prática educativa que considera o professor como aquele que tudo sabe, frente ao aluno que por nada saber, assume para o professor, a condição de uma lata vazia, de um depósito que precisa ser preenchido de saberes prontos (FREIRE 2015, 2013, 2011).

Essa prática bancária da educação, serve também para tecer a crítica às práticas tradicionais que simplesmente aplicam na "sala de aula virtual", no AVA, a mesma estrutura das práticas bancárias na EaD.

E, quando se pensa no AVA da IES, está a se pensar um conjunto de tecnologias que dão corpo ao Ambiente Virtual de Aprendizagem. Logo, o AVA é nele mesmo, um

conjunto de TICS configurados para atender as necessidades da Educação na modalidade EaD.

Daí, a insistência dessa pesquisa de tratar a totalidade da EaD com destaque para o AVA, local dos encontros e das práticas pedagógicas entre educandas, educandos, educadoras e educadores.

Portanto, se a EaD precisa superar esses "paradoxos", como destaca Sabattini (2015) que estão configurados na estrutura dos projetos pedagógicos das IES, uma nova dimensão da EaD precisa ser alimentada frente ao que se espera como novo paradigma para a Educação à Distância no Brasil.

Essa superação de paradigma precisa abandonar um ambiente de aprendizagem monolítico para um ambiente de aprendizagem pluralista (SABATTINI, apud Williams, Karousou e Mackness 2011, p. 55).

Esse AVA plural não se apresenta apenas como uma interface digital em que os educandos, por um lado, atuam como robôs executando tarefas como participação em fóruns, atividades, *chats*, *blogs*, *wikis*, videoaulas, aulas ao vivo e provas dentro de um cronograma e agenda determinados previamente pela IES.

Do outro lado, professores elaborando conteúdos, roteiros, aulas, corrigindo atividades e atribuindo conceito às participações nas atividades típicas do AVA também monitorados pelos indicadores de gestão da IES.

Essas práticas monolíticas, com aporte e suporte das TICs, em nada colaboram para uma superação da EaD tradicional rumo à pluralidade de possibilidades, de potências que carregam a própria força da virtualidade do AVA na EaD.

A força do ciberespaço na EaD é para Kensky (2008, p.106) uma potência para estimular o sentimento de acolhimento e pertencimento na medida em que se agrupam e se conectam em torno de interesses específicos.

Como destaca a autora, o AVA é esse ambiente dos encontros e, por essa razão, pode superar as práticas tradicionalistas da EaD citadas pelos autores já inscritos nessa reflexão em que a transmissão de conteúdos ganha o status das tecnologias como sobreposição da técnica às pedagogias necessárias na educação à distância.

Outros estudos que abordam o Ambiente Virtual de Aprendizagem ressaltam a importância dessa quebra de paradigma da transmissão passiva de conteúdos para uma postura ativa, colaborativa entre os sujeitos da educação na EaD. Mas, pode-se notar a

confusão em definir uma prática ativa em oposição às ações tradicionais de uma aula bancária online.

É o caso da abordagem de Silva e Figueiredo (2012), para eles o AVA tem um papel enquanto "difusor do conhecimento e como recurso para manutenção da comunicação entre alunos e professores".

Embora os autores citem a palavra comunicação, ela não é destacada como a força dialética necessária para se pensar a superação da educação instrumental na EaD. Mas, a categoria comunicação vai ser estudada como proposta político-pedagógica para o AVA na EaD mais adiante. Por hora, serve destacar que as tentativas ainda carregam a ideia de transmissão de conteúdos, algo que como já fora apresentado, circula sempre num vício sem rumo das práticas bancárias que ganham uma roupagem moderna por utilizarem a *Internet* para mediar as práticas educativas no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Ainda, em tempo, retomando os estudos e considerações sobre as fronteiras teórico-pedagógicas da EaD de Sabattini, vale ressaltar os seguintes aspectos:

A partir da análise da produção acadêmica no campo da EaD, encontramos que a configuração de um novo espaço (ciber)educacional em conflito com a escolarização formal passa pela quebra do paradigma vigente e da superação de paradoxos e da mera transposição de práticas da educação tradicional (2015, p.8)

Essa “transposição” para Sabattini ou “sobreposição” para Freire é um ato que estanca as práticas educativas mediadas pelas tecnologias, aqui aplicadas ao contexto do AVA na Educação à Distância.

Cabe também recuperar o apelo de Levy ao pensar a possibilidade da construção de novos espaços com o apoio das tecnologias virtuais na aurora do século XXI:

Devemos construir novos modelos de espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em níveis, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes superiores, a partir de agora

devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se organizando de acordo com os objetivos ou contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (1999, p.158)

Esse apelo é o combustível para a investigação crítica, inventiva, curiosa e criativa para a EaD, dado os contextos históricos dessa modalidade de Educação no Brasil.

A superação passa, pois de um mero depósito e repositório de conteúdos como fora o início da EaD online, na internet, para um contexto em que os dispositivos móveis e portáteis abundam os domicílios brasileiros, em que a chamada Banda Larga para acesso à rede mundial de computadores tem aumentado significativamente a cobertura, ainda que nos principais centros das cidades brasileiras e, de um crescimento maciço da participação das educandas, educandos, educadoras e educadores nas chamadas redes sociais como *Facebook, Instagram, Whatsapp, Youtube, Twitter, blogs, streamings de áudio, podcastings etc.*

O potencial para a apropriação e uso político-pedagógico das TICs para a Educação, e em especial na EaD, é um campo fértil. Mas, como já dissera Vieira Pinto (2013), não se pode cometer o equívoco de transformar essa "era tecnológica", do fim da segunda década do século XXI, na divinização das tecnologias sobre a criatividade humana, aquela capaz de operar os usos adequados dessas mesmas tecnologias aplicadas aos ideais e objetivos de uma educação crítica, ativa, desveladora e promotora de um novo paradigma para a EaD.

Para colocar mais intensidade e tempero nessa análise sobre o AVA na EaD, faz-se necessário recorrer às reflexões de Paulo Freire quando convidado a pensar o lugar da perspectiva humanista no trato com a ciência e as tecnologias:

No uso de instrumentos de comunicação que explicitam um certo avanço da tecnologia, da ciência, vejo, de um lado, um certo risco que a gente corre de, em nome de um certo humanismo, começara ter medo do avanço tecnológico, medo do laboratório, da pesquisa rigorosa, da seriedade, do rigor da ciência e da aplicação da tecnologia.

Eu gostaria de me posicionar já sem esse medo. Para mim, toda perspectiva humanista que negue a rigorosidade da ciência, que deixe de procurá-la e que se afaste da tecnologia, que veja na máquina uma inimiga do ser humano, neste fim de século... toda visão humanista que caia nisso é reacionária. Um humanismo sério não contradiz a ciência nem o avanço da tecnologia (2013, p. 91).

No entanto, Freire adverte: "Mas o outro risco é negar a humanidade criando-se do ser humano, fazendo-se na história e cair numa postura cientificista, e já não científica, já não técnica, mas tecnicista".

Eis aqui o desafio de construir os novos desafios para o uso do AVA na perspectiva de uma EaD humanista que abraça a ciência e as tecnologias sem separar a humanidade da sua criação, ou ainda como disse Freire (2013, p. 91) de transformar a ciência e as tecnologias em "fazedores de nós mesmos".

Tendo-se, então, como advertência o diálogo entre os autores que participaram deste capítulo, a pergunta que abre o derradeiro tema é a seguinte:

Extensão ou Comunicação no Ambiente Virtual de Aprendizagem ?

Considerações: Inacabadas, Incompletas e Inconclusas.

A ideia desse artigo foi, antes de tudo, uma proposta crítica e provocativa para se pensar outro ambiente virtual possível da aprendizagem na EaD. Esta preocupação está conectada ao crescimento exponencial que a EaD atualmente representa para a construção de propostas pedagógicas no campo da educação superior, para as instituições de ensino superior (IES). E, se de fato, a educação à distância é uma realidade nacional que ganha, cada vez mais, destaque e espaço nas propostas pedagógicas entre as IES, pensar o local dos encontros entre estudantes e docentes como um espaço de relações, de conexões, de trocas, experiências e interações deve ser uma preocupação pedagógica e, não, simplesmente tecnológica.

Assim, pode-se, como próximo passo, a partir das observações aqui expostas, avançar com a proposta da pesquisa para saber mais detidamente a percepção dos

estudantes na EaD e de como incorporá-la nessa proposta da criação de um ambiente virtual da comunicação.

Aqui, especificamente, o foco é o ambiente virtual de aprendizagem como interface da educação à distância.

Talvez, futuramente, haja amadurecimento para se falar de espaços de aprendizagens, presencial ou virtual, sem a necessidade da classificação sobre qual tipo de modalidade de educação a IES oferta aos estudantes. Ou seja, se é na modalidade presencial ou à distância.

Mas, o que também é importante pensar, refletir e praticar é sobre os momentos em que a educação, na IES, demandam a utilização das interfaces, do ambiente virtual na sua totalidade, ou como parte do processo de formação das educandas e educandos da educação superior.

Assim, será possível a construção de uma arquitetura da EaD que estimule encontros, aproximações e diálogos promovidos por uma concepção de ambiente que não abra mão da premissa básica de que a educação para Freire e Gutiérrez passa pela construção de um estado de comunicação, da comunicação autêntica e dialógica. Ou seja, como ressalta Gutiérrez (1978, p.94), de uma “genética da comunicação” capaz de aproximar os 2 mundos ainda distantes: o mundo da escola e o mundo dos estudantes. Aqui poder-se-ia dizer dos mundos da IES, do AVA e dos estudantes. Logo, um ambiente virtual que tenha a radicalidade da comunicação, pode ser esse caminho possível

Se é incontestável que a *Internet* é, hoje, hospedeira e princípio vital da EaD, a pesquisa sobre a educação à distância não pode abrir mão de, no mínimo, refletir e tentar colocar em prática uma comunicação possível nas interfaces, ou nos chamados “ambientes virtuais” desse *locus* da aprendizagem ou, ainda, daquilo que se pretende que seja um espaço virtual educativo, em que as aprendizagens são realizadas e consumadas. Um espaço de encontros, de acolhimentos e de conexões; um espaço virtualizado de “presencialidades”, como ressalta o professor Romero Tori (2017, p. 72, 117-124), ao propor uma “educação sem distância”; portanto, um espaço de aprendizagens.

Nesse contexto, é que foi apresentada a perspectiva da *Linguagem Total* (1978), de Francisco Gutiérrez Pérez, e *Extensão ou Comunicação?* (2013), de Paulo Freire. O

núcleo investigativo dessas duas teorias colocam a comunicação como básica e radical para se pensar propostas pedagógicas educacionais. Ou seja, pensar uma ambiente virtual em que a aprendizagem tenha a comunicação como condutora do processo educacional, a partir desse referencial teórico, que é o terreno fértil para essa proposta de investigação científica.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, P. B. S. *Modelagem das interações em ambiente virtual de aprendizagem*. 2006. 184 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14682/000666336.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- CARVALHO, Jaciara de Sá. *Educação cidadã a distância: uma perspectiva emancipatória a partir de Paulo Freire*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-11052015-100811. Acesso em: 2018-11-11.
- COLL, Cesar; MONEREO, Carlos. *Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades*. In: *Psicologia da educação virtual: aprender a ensinar com as tecnologias da informação em comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CORRÊA, Juliane. *Educação a distância: orientações metodológicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: o manuscrito..* São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Universidade Nove de Julho (UNINOVE): Big Time Editora/BT Acadêmica. 2018.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução Rosiska Darcy de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GIOLO, Jaime. Educação a Distância no Brasil: a expansão vertiginosa. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE*, [S.l.], v. 34, n. 1, p. 73 - 97, abr. 2018. ISSN 2447-4193. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/82465>>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- GIOLO, Jaime. Educação a distância: tensões entre o público e o privado. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 31 n. 113, out./dez. p. 1271-1298, 2010.
- GIOLO, Jaime. A educação a distância e a formação de professores. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 29 n. 105 Campinas set./dez. p. 1211-1234, 2008.
- GUTIÉRREZ PÉREZ, Francisco, PRIETO CASTILLO, Daniel. *La mediación pedagógica: apuntes para una educación a distancia alternativa*. Buenos Aires: Ciccus La Crujía, 1999.

GUTIÉRREZ PÉREZ, Francisco. *Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.

IVO, Mariéllen. A importância da usabilidade em AVAs. Disponível em: <<http://www.ead.unimontes.br/nasala/importancia-da-usabilidade-em-avas/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papyrus, 2008.

LÈVY, Pierre. *Inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. Tradução? São Paulo: Loyola, 2007.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÈVY, Pierre. *Qué es lo virtual*. Tradução de Diego Levis. Argentina, Barcelona, México: Paidós, 1999.

LITTO, Fredric M. *EaD - Por que não? O retrato frente/verso da aprendizagem a distância no Brasil 2009*. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 108-122, jun. 2009.

MOZAQUATRO, Patrícia Mariotto; MEDINA, Roseclea Duarte. *Avaliação do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle sob diferentes visões: aspectos a considerar*. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/14508/8427>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

PINTO, Álvaro Vieira. *Conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, v. I, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. *Conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, v. II, 2005.

TORI, Romero. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. 2 ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

SABBATINI, Marcelo. *Fronteiras Teórico-Pedagógicas da Educação a Distância (EaD): Entre Paradoxos, Paradigmas e Novas Teorias Educativas*. Anais Eletrônicos do 6o Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação (2015): n. p. Print.

SABBATINI, Marcelo. Fundamentos da Educação e Educação a Distância: construindo pontes imaginárias. In: SILVA, André Gustavo Ferreira da; COSTA E SILVA, Gildemarks; MATOS, Junot Cornelio. (Org.). *Fundamentos da Educação: fronteiras e desafios*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011, p. 179-204.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SEMESP - Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Pesquisa netnográfica em EaD - percepções e aspirações. São Paulo: SEMESP, 2016. Disponível em: <<http://www.semesp.org.br/site/pesquisas/ensino-a-distancia/>>. Acesso em 7 dez. 2017.